

A IMPORTÂNCIA DA FOTOGRAFIA NA MEMÓRIA DA ESTRADA DE FERRO DO PORTO DO RIO GRANDE

Gladis Rejane Moran Ferreira¹

Carla Rodrigues Gastaud²

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo refletir sobre a importância da fotografia como fonte histórica e de memória e é parte de um estudo de tese sobre a memória da estrada de ferro do Porto do Rio Grande, em andamento no Programa de Pós-graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural. Apresentaremos aqui a estrada de ferro na história do porto e apontaremos para a importância das imagens, como fontes documentais e para a memória da linha férrea na história do Porto do Rio Grande.

A história da cidade do Rio Grande se confunde com a história do Porto do Rio Grande. Inicialmente, um atracadouro rudimentar que serviu de fortaleza, assim como os demais fortes construídos na costa para proteger a região sul do Brasil.

A cidade cresce juntamente com seu porto e passa a receber os mantimentos e utensílios necessários para a manutenção, da então Vila de São Pedro. No século XIX, com o forte comércio do couro e do charque Rio Grande é rota do transporte marítimo para as outras regiões do Brasil e para o exterior.

No entanto, devido a insuficiência do calado do cais do porto para atração de navios de maior porte e os transtornos causados pelos fortes ventos e correntes que assoreavam o canal de acesso na entrada da barra, muitas perdas de mercadorias e vidas humanas foram registradas e a barra passou a ser conhecida como “Barra Diabólica³” ou “Cemitério de Navios”.

Projetos para a melhoria do canal de acesso foram encomendados pelo governo imperial. O mais importante deles, apresentado pela Comissão de Melhoramento do Porto e Barra do Rio Grande do Sul de 1883, apresentou uma proposta de construção de dois molhes⁴ convergentes, um de lado Oeste, na cidade do Rio Grande e outro, de lado Leste, na cidade de São José do Norte.

No ano de 1908 a *Compagnie Française du Port* do Rio Grande do Sul⁵ é contratada e tem por objetivo construir o Porto Novo e os Molhes da Barra do Rio Grande do Sul. A Companhia compra extensa área de terras para as obras do novo porto e duas pedreiras foram adquiridas, a de Monte Bonito e a do Cerro do Estado⁶,

¹ Universidade Federal de Pelotas. UFPEL. gladisbiblio@gmail.com.

² Universidade Federal de Pelotas. UFPEL. crgastaud@gmail.com.

³ A origem da denominação “Barra Diabólica” não é clara, mas aparece em termos análogos usados por Silva Paes e pelo governador Gomes Freire de Andrade, ainda na primeira metade do século XVIII (TORRES, 2015, p.14).

⁴ Prolongamentos de pedras, dispostas na raiz da barra que avançam mar adentro.

⁵ Companhia constituída em Paris e autorizada no Brasil através do decreto 7.007, de 2 de julho de 1908.

⁶ Atualmente este local faz parte da cidade de Capão do Leão.

ambas na cidade de Pelotas. Um complexo para a extração das pedras é construído, dando material suficiente para a construção de ambos os molhes (FERREIRA, 2019, p.49).

Outra extensão de terras foi adquirida, entre as cidades de Capão do Leão, Pelotas e Rio Grande, para construir a linha de férrea do porto e transportar as pedras das pedreiras a ambos os molhes. Esta estrada foi operante por mais de um século, levando pedras, equipamentos rodantes e trabalhadores portuários.

A memória do Porto do Rio Grande é importante para a cidade do Rio Grande, que recebe a identidade de cidade portuária. A estrada de ferro do Porto do Rio Grande, seus equipamentos rodantes, suas estações e rotundas, oficinas, trabalhadores, antigas profissões e caminhos da linha férrea, representam parte desta memória, guardada em documentos manuscritos, plantas, projetos e fotografias que compõem o acervo da biblioteca do Porto do Rio Grande.

Para RICOEUR (2007, p.189), “é como se os fatos dormissem nos documentos até que os historiadores extraiam o seu testemunho, atestando aos mesmos uma prova documental”. Buscar a memória nestes documentos é um olhar sobre o passado. é um dado que coisa alguma pode modificar, é um resíduo.

Pelo fato de o início da história do porto ser anterior ao século XIX algumas imagens que utilizaremos para sua contextualização, são gravuras, pinturas e desenhos produzidos artesanalmente.

FIGURA 1 - Cais da Boa Vista. Lugar de comércio local. Gravura de Francis Richard de 1860



FONTE: Fototeca Digital da Biblioteca do Porto do Rio Grande

Algumas destas imagens, foram encomendadas pelo império tendo como finalidade que os artistas descrevessem a região sul do Brasil. Já os desenhos caricatos, que representaram o porto e barra entre os séculos XIX e XX, ilustraram as páginas de jornais da época.

A maioria das fotografias antigas do porto também data deste período. As deixadas pela Companhia Francesa registraram seus feitos de engenharia, dentre eles: as obras da construção do Porto Novo; o complexo das pedreiras do Capão do Leão, os caminhos da estrada de ferro e a construção dos Molhes da Barra.

FIGURA 2 – Final da estrada de ferro do Porto do Rio Grande. Construção dos Molhes da Barra. Molhe Oeste



FONTE: Acervo século XX.; Molhes da Barra. Base de fotos digitais da Biblioteca do Porto do Rio Grande

As fotografias da linha férrea do porto, existentes no acervo da sua biblioteca fazem parte deste período e são registros da memória da estrada, não só como documento físico, mas vestígios que conservam e testemunham. Para KOSSOY (2021, p.171), “seja como meio de recordação e documentação da vida familiar, seja como forma de expressão artística ou como instrumento de pesquisa científica, a fotografia tem sido parte indissociável da experiência humana”.

Através da preservação destes fragmentos visuais é possível saber da existência, no passado, de lugares ausentes no presente. A imagem, para RICOEUR (2007, p.27) “é uma representação presente de uma coisa ausente”.

É o suporte imagético que na maioria das vezes orienta a reconstrução e veiculação de nossa memória, seja individualmente ou em grupos sociais. Para Proust, fotografia é a garantia de uma lembrança eterna, pelo seu caráter de testemunhar o passado (SOUSA, 2010, p.5).

Ao utilizarmos as fotografias para os processos de investigação da memória da estrada de ferro do Porto do Rio Grande, recordamos visualmente o tempo passado. Os lugares se modificaram ou desapareceram, os personagens retratados, envelheceram, morreram ou saíram de cena, mas o registro gravado nas imagens, continua. O mesmo aconteceu com os fotógrafos. No entanto, de todo o processo a fotografia permanece, ela guarda a memória do tempo.

2. METODOLOGIA

Ao buscarmos a memória da estrada de ferro do Porto do Rio Grande usaremos as imagens antigas para reconhecimento dos locais da linha férrea e estas serão norteadoras de novas imagens no presente. Estas fontes imagéticas também serão utilizadas como evocadores de lembranças durante as entrevistas dos antigos trabalhadores da estrada, pois fotografia é memória e possui um papel importante na explosão do nosso processo de rememoração.

Ao estudarmos os registros, lançaremos um olhar para os lugares do passado, através do presente. Observaremos detalhes, além do foco que inicialmente se queria mostrar, como as obras e construções de engenharia.

Também observaremos nas imagens a presença de trabalhadores, equipamentos rodantes e a memória de técnicas de trabalho.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No momento que se observa e analisa uma fotografia estamos diante de uma segunda realidade, a do documento. Ele contém um registro visual portador de informações. No entanto, não podemos avaliar a importância das imagens se não existir esforço em compreender o momento histórico a que elas se referem.

Para que isso ocorra é necessário que haja envolvimento, que os detalhes do documento sejam observados, e que exista conhecimento do contexto em que as imagens foram criadas. É necessário poder imaginar e compreender as ideias e sentimentos dos homens do passado, que viermos a nos deparar nos documentos.

As imagens registradas atravessaram o tempo. No presente, são vistas por olhos estranhos, que não são os que as criaram e os lugares são desconhecidos. Se desaparecida esta segunda realidade, seja de forma opcional ou automática, os personagens retratados e os lugares do passado morrem novamente e o visível ali registrado desmaterializa-se.

4. CONCLUSÃO

Fotografia é memória e com a memória se confunde. É fonte de emoção e de informação, é memória do mundo, da vida individual e coletiva. Ela é um acréscimo de nossas lembranças, memórias e momentos vividos.

As imagens de lugares que serão estudos através das fotografias, como as antigas estações, caminhos de trilhos, o complexo da Pedreira do Capão do Leão, em ambos os molhes e as lembranças dos trabalhadores portuários serão parte da memória da estrada de ferro do Porto do Rio Grande.

São registros cristalizados de um instante da vida que emana ininterruptamente, dando a noção de espaço e tempo e que estimula lembranças, reconstituições e a imaginação de quem se conecta a esta história. É, para o historiador uma possibilidade de descoberta e interpretação da vida histórica.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 5.ed.rev. São Paulo. Ateliê Editorial, 2001.

FERREIRA, Gladis Rejane Moran. **Cem anos de Porto Novo**: memória e esquecimento de um Porto Velho e de uma “Barra Diabólica”. Rio Grande/RS: Editora da FURG, 2019.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. São Paulo: Ed. UNICAMP, 2007.

SOUSA, Fábio d'Abadia de. **Fotografia e memória em Marcel Proust**. Disponível em:<http://www.ufrgs.br/alcar/noticias-dosnucleos/artigos/Fotografia%20e%20memoria%20em%20Marcel%20Proust.pdf>.

TORRES, Luiz Henrique. **A Barra Diabólica**: centenário da inauguração dos Molhes da Barra e do Porto Novo do Rio Grande. Rio Grande: Pluscom, 2015.